

Arquivo Aberto
Fevereiro-Março 2019

O Entrudo

O Entrudo é uma festa de raízes pagãs celebrada em todo o país, que comemora a transição do Inverno para a Primavera. Foi enquadrada pelo cristianismo como o momento antes da Quaresma e do recolhimento da Páscoa. No período do Entrudo podia comer-se carne, pois seguia-se o período de abstinência. A palavra carnaval provém do latim *carne, vale!*, *adeus carne*. Em Portugal usava-se antes a palavra Entrudo, do latim *introitos*, uma alusão à entrada na Quaresma. Por toda a Europa os dias de Entrudo eram tempos de festa e de inversão, em que os homens e as mulheres, bem como os ricos e os pobres, trocavam de papel e de identidades. As máscaras, os ditos desbragados e os excessos eram permitidos.

Se hoje o Carnaval são três dias, na longínqua época medieval, há seiscentos, quatrocentos anos, o Entrudo tinha início logo em Novembro, no seu primeiro dia, o cristianizado Dia de Todos-os-Santos. Na tradição europeia pré-cristã o chamado *Samain* era ocasião para uma festa de ligação com a Morte, quando o mundo andava às avessas e as pessoas se mascaravam para se identificarem com as divindades. A festa foi cristianizada e, no sul da Europa o Dia de Todos-os-Santos impôs-se, momento em que se recordavam os antepassados. No norte da Europa manteve-se o *Samain*, exportado para os Estados Unidos da América e hoje a ameaçar tomar todo o mundo. É a Noite das Bruxas.

A festa não era no Inverno por acaso, mesmo que o ouvinte se pergunte porquê o Carnaval em Fevereiro ou Março, se faz tanto frio. Era durante o tempo mais frio e húmido que os camponeses tinham mais tempo livre. Quando o Inverno estava no seu fim, e a Primavera queria chegar, a ordem invertia-se e o pobre poderia criticar e mofar do poderoso sem castigo. Comia-se então carne dos porcos recentemente mortos, a partir de Novembro, cantava-se e bailava-se, e os homens vestiam-se de mulheres (muitas vezes para as minorizarem...), e de animais selvagens, sem tino...

Por isso, em Sines, já na Época Moderna, entre Novembro e o Entrudo arrematava-se a carne de porco¹, para respeitar o calendário religioso, que proibia o

¹ AMSNS. CMSNS. Vereações, livro 2, fl. 70, 15 de Novembro de 1671.

consumo de carne durante a Quaresma (período de 40 dias entre a Quarta Feira de Cinzas, após o Carnaval, e a Quinta-Feira Santa) e às sextas-feiras. Mas no Entrudo podia-se comer carne e doces. Nesses meses a carne de porco era mais cara, e a Câmara exigia ao arrematante manter um preço fixo e fornecer carne duas vezes por semana.

Quanto às formas de festejar, apenas podemos recorrer às posturas municipais, documentos legais apenas válidos no concelho de Sines. Uma postura registada no século XIX mas possivelmente mais antiga proíbe, sob pena de 1000 reis e reparação do dano, *a quem cair portas em noite de S. Martinho, ou riscar as paredes, ou lançar cacos, ou imundícies às portas ou nas escadas de qualquer (...)*.

Provavelmente estes desatinos mantiveram-se até à quarta-feira gorda, mesmo até aos anos oitenta do século XX, quando o carnaval selvagem foi banido.

De facto, as normas de civilidade e de convívio no espaço público, assim como o próprio calendário e horário de trabalho de uma sociedade já se tinham transformado, num mundo de fábricas e escritórios.

A partir do século XIX o Carnaval ganha um tom mais polido, quando é apropriado pela burguesia em ascensão na Europa e em Portugal. Os bailes de máscaras, as récitas e os cortejos tornam-se momentos de requinte. O carnaval da cidade francesa de Nice, com os seus corsos, batalhas de flores e carros alegóricos impõe-se em vários locais, incluindo Sines. A civilização, mesmo que estrangeira, tende a substituir o carácter tradicional, mas demasiado violento e pouco educado do Entrudo tradicional.

O *Jornal de Sines*, em 1901, refere-se a récitas organizadas por um grupo de meninas para obter receitas para os *pobres de Sines*, mas também a máscaras criticadas pelo seu *aborrecimento*. O Carnaval era já um festejo polido, com bailes e declamações de poesia.

Em 1926 *A Folha de Sines* anunciava o Carnaval de forma mais elogiosa. A *Grande Festa Carnavalesca* incluía elementos que o Carnaval de Sines terá até hoje. Realizava-se um cortejo pelas ruas da vila pelos reis da *Maduralandia*, fazia-se a deposição de coroa de flores no pedestal do monumento a Vasco da Gama, um claro momento de festividade cívica. Realizava-se também um desafio de *foot-mão-pinha-ball* e o acompanhamento musical era da responsabilidade da União Desumanitária Amor e Cabana. No cortejo participavam vários grupos foliões. A descrição evoca o texto *Reino da Pepineira*, de 1919, uma proclamação do Rei do Carnaval. O mesmo jornal apresentava um anúncio curioso- a venda de *bilhetes postais carnavalescos* pela Havaneza Sineense. Antero Raposo conservou um dos anúncios do Reino da Pepineira.



1919, Março, 26, Reino da Pepineira. Arquivo Municipal de Sines, Coleção de Antero Raposo.

Ainda estamos longe das influências do Carnaval brasileiro, que impera em Sines desde 1988. Sobre essa evolução, e os anos de ouro do Carnaval dos carros alegóricos em Sines, pela mão dos Carlos, escreveremos no próximo Entrudo.

Sandra Patrício
Arquivo Municipal de Sines
arquivo@mun-sines.pt

Para saber mais

A Folha de Sines: quinzenário de defeza e propaganda de Sines. Direcção de Júlio Gomes da Silva Júnior. Edição de Higino Guisado Espada. Sines: A Folha de Sines, 1919-1930.

Barbosa, Pedro Gomes (2016). Carnaval e outras festas na Idade Média. Algumas notas. *XVIII Encontro Turres Vedras: Carnaval: história e identidade.* Coordenação de Carlos Guardado da Silva. Torres Vedras e Lisboa: Câmara Municipal de Torres Vedras e Colibri. Pp. 19-27.

Pacheco, João do Ó – Sines: crónica de um Carnaval anunciado. *Boletim Municipal de Sines*, nº 86, Janeiro-Fevereiro de 1994. pp.3.6.

Ralha, Jorge (2016). À espera do carnaval de Torres: um curso por Lisboa, Porto e Torres Vedras. *XVIII Encontro Turres Vedras: Carnaval: história e identidade.* Coordenação de

Carlos Guardado da Silva. Torres Vedras e Lisboa: Câmara Municipal de Torres Vedras e Colibri. Pp.127-170.

Silva, Padre António de Macedo e (1869). *Annaes do Municipio de Sant'Iago de Cacem*. Lisboa: Imprensa de Portugal.P.140.